

Lançado no Brasil em 2023, o livro ***Colhendo flores sob incêndios: Os diários de Alice Walker: 1965–2000***, indicado pela professora Roberta Araujo, que ministrou, na EMERJ, oficinas sobre mulheres negras na literatura, começou a ser escrito quando **Alice Walker** — mulher negra, nascida em uma família grande e de poucos recursos no Sul dos Estados Unidos, hoje com 82 anos, completados no último dia 9 de fevereiro — começou a registrar ideias, percepções e sentimentos em diários aos 18 anos de idade e nunca mais parou. De lá para cá, suas confissões somam mais de 65 volumes e traçam aquilo que faz uma mulher se tornar quem é, como observa Valerie Boyd, professora, escritora e crítica literária que passou quase uma década organizando as entradas dos diversos cadernos. O resultado é um registro apaixonado, íntimo e poético da construção de uma artista única e irretocável. **Walker** foi ativista no Movimentos pelos Direitos Civis, marchando ao lado de Martin Luther King Jr.; casou-se com um advogado judeu, desafiando as leis contra o matrimônio inter-racial; escolheu realizar um aborto precoce; anos depois deu à luz a filha em meio à escrita de seu primeiro romance; ganhou o Prêmio Pulitzer de ficção, com o romance *A Cor Púrpura*; desafiou padrões ao se assumir bissexual; e denunciou práticas de mutilação genital feminina. Segundo o New York Times, *Alice Walker tem enfrentado alguns dos acontecimentos mais espinhosos do século XX nos Estados Unidos. Agora ela divide conosco os seus diários, oferecendo a leitoras e leitores uma janela para sua vida.*



Estreia sexta-feira, dia 6 de março, o musical ***Tim Maia Vale Tudo!*** Escrito por Nelson Mota, o roteiro conta com vinte sucessos do inesquecível síndico da MPB Tim Maia, entre eles: *Azul da Cor do Mar*, *Gostava Tanto de Você* e *Acenda o Farol*. Um dos pioneiros na introdução dos gêneros soul e funk na música popular brasileira e reconhecido como um dos maiores ícones da música no Brasil, Sebastião Rodrigues Maia, nascido na Tijuca, Rio de Janeiro, em 1942, trabalhou como entregador de marmitas, foi preso e deportado dos Estados Unidos, envolveu-se com o movimento esotérico Cultura Racional e deixou um legado de quase 700 gravações. No palco, é vivido por Thór Júnior, enquanto outras vozes da MPB, como Gal Costa, Roberto Carlos e Elis Regina, também ganham vida. Teatro Casa Grande. Avenida Afrânio de Melo Franco, 290, Leblon. Sex., 20h. Sáb., 16h e 20h. Dom., 19h. R\$ 75,00 a R\$ 250,00. Ingressos pelo eventim.com.br. Até 12 de abril.



Thór Júnior vive Tim Maia em musical com texto de Nelson Motta.

Para ajudar a entender o conflito histórico entre Israel e Gaza, o filme ***Ô Jerusalém***, lançado em 2006, é uma boa dica. Baseado no romance histórico-documentário de mesmo nome, escrito por Dominique Lapierre e Larry Collins, o filme foi dirigido pelo judeu parisiense Élie Chouraqui. É uma coprodução França-Inglaterra-Itália-Grecia-Estados Unidos-Israel. Os créditos finais mostram uma maravilhosa, esplêndida babel, uma assembléia das Nações Unidas – entre os atores e as equipes técnicas, há gente das mais diversas nacionalidades. Um filme raro e singular, não tanto por suas qualidades especificamente cinematográficas, mas pelo que diz e como diz. É uma obra extraordinária por causa das ideias, da postura política. Aborda um dos temas mais difíceis que há – a convivência entre árabes e judeus – e recria o difícil processo da criação do Estado de Israel em 1948, sem tomar partido de nenhum dos dois lados. O centro dos eventos são dois jovens amigos americanos, um judeu e o outro árabe. O filme alterna pontos de vista dos judeus, árabes e britânicos, todos brigando pelo controle de Jerusalém. Disponível na internet.



Você sabia?

Você sabia que o frevo, ritmo do carnaval de Pernambuco, nasceu da mistura de marchas militares com a capoeira? O frevo surgiu no Recife e em Olinda, no fim do século XIX. No carnaval, as bandas militares desfilavam pelas ruas de Recife e grupos de capoeiristas acompanhavam os cortejos, adaptando seus movimentos à música acelerada. O próprio nome vem de *ferver*, por sua corruptela, *frever*, que passou a designar: efervescência, agitação, confusão, rebuliço; apertão nas reuniões de grande massa popular no seu vai e vem em direções opostas. Para se defender de grupos rivais, os “dançarinos” utilizavam porretes e cabos de velhos guarda-chuvas como armas, daí a origem da pequena sombrinha colorida. Os movimentos da capoeira foram sendo estilizados e deram origem a passos coreografados catalogados, hoje, em mais de 120 movimentos diferentes. Em 2012, o frevo foi reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, com suas três principais modalidades: o frevo de rua (instrumental e mais vibrante), o frevo-canção (com letra e estrutura mais próxima da marcha) e o frevo de bloco (mais melódico e, geralmente, acompanhado por corais e instrumentos de corda).



Foto de antigos passistas de frevo e seus velhos guarda-chuvas, que hoje são representados por sombrinhas coloridas.